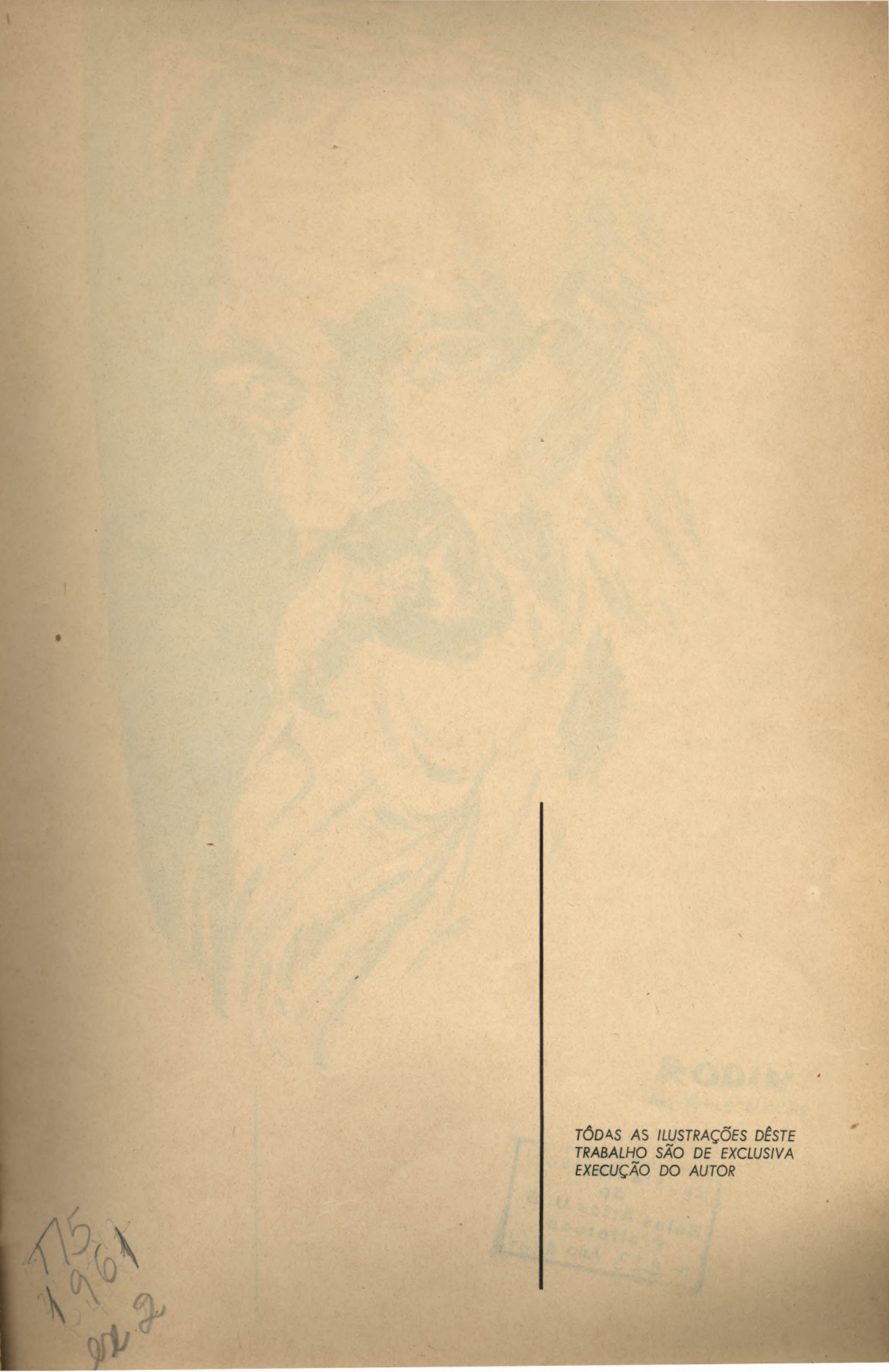
MURILLO ALVIM PESSOA

Rodin e a Anatomia

Tese de Concurso para
Livre Docência da Cadeira
de Anatomia e Fisiologia Artísticas
da Escola Nacional de Belas Artes

RIO — 1961

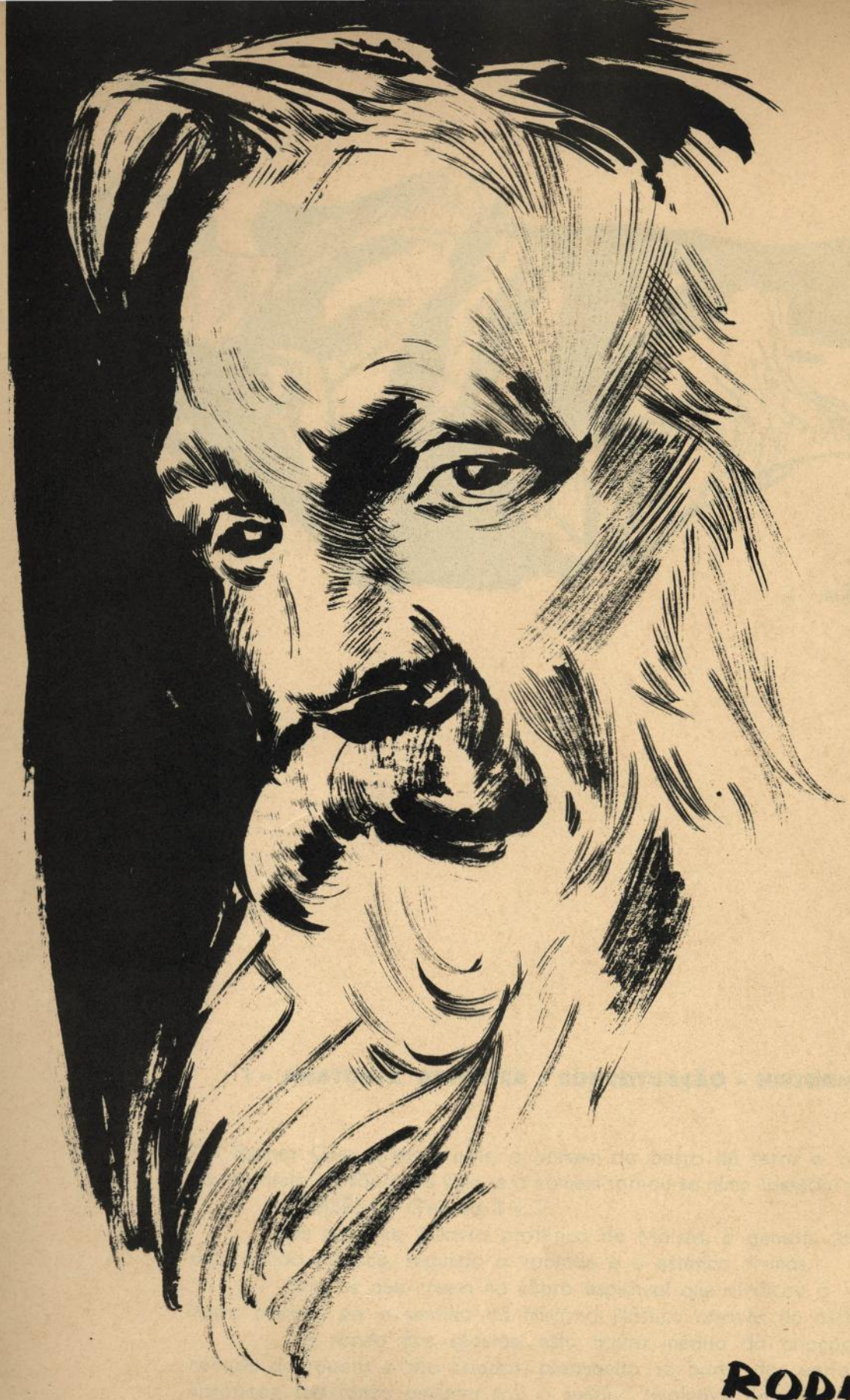
T/5
1961
ex. 2



TÔDAS AS ILUSTRAÇÕES DÊSTE TRABALHO SÃO DE EXCLUSIVA EXECUÇÃO DO AUTOR

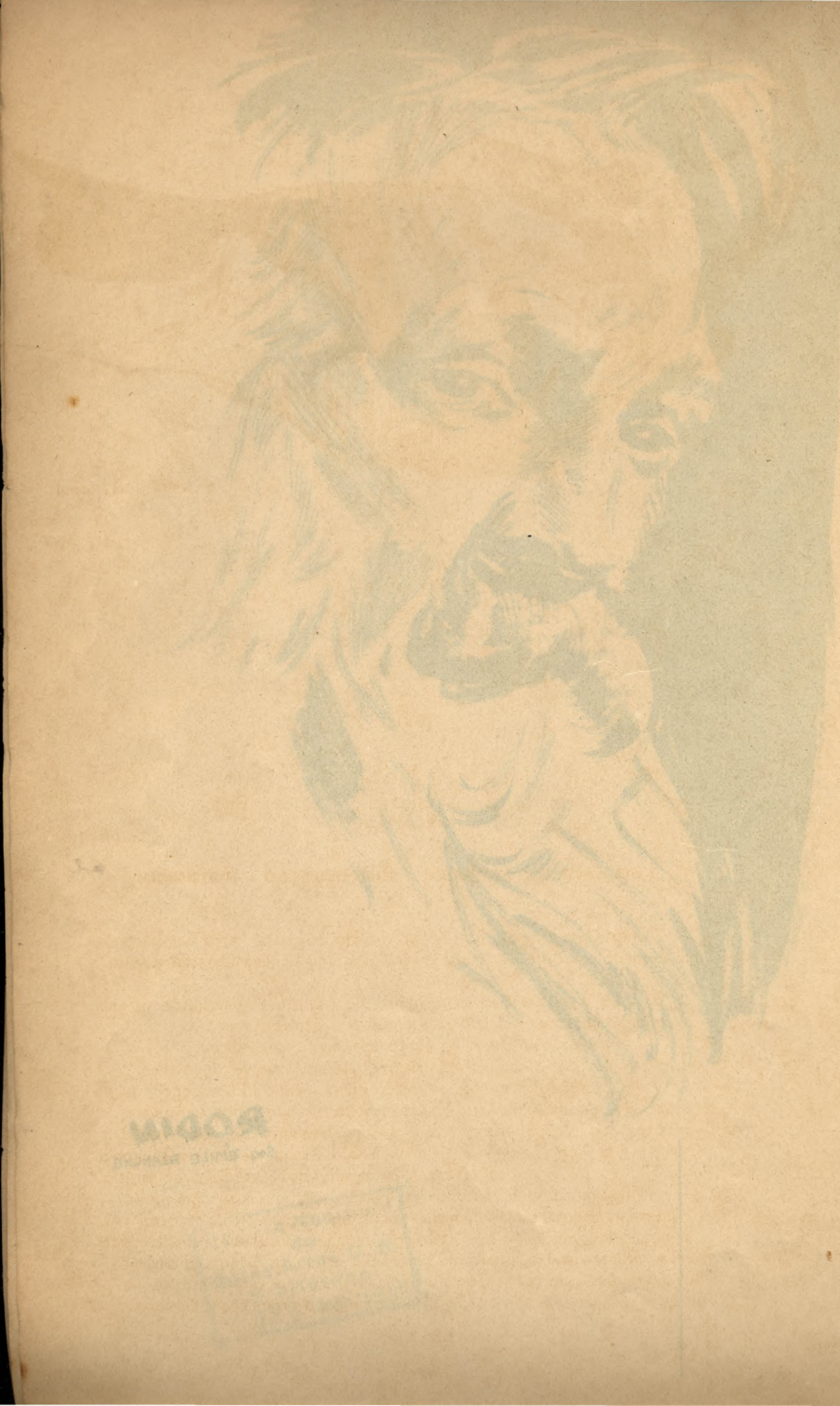
T5
1961
ex.2

Escola Nacional
de
Belas Artes U. B.
Biblioteca
nº 223 Ano 1964



RODIN

Sog. ÉMILE BLANCHE



A MÃO DE RODIN

I - ANATOMIA ARTÍSTICA - CONCEITUAÇÃO - HISTÓRICO.

"O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra e inspirou no seu rosto um sôpro de vida, e o homem tornou-se alma (pessôa) vivente".

MOISÉS — Genesis II v. 7.

Eis aqui, na palavra profética de Moisés, a genesis do homem sua criação plástica, segundo a vontade e a estética divinas.

Para os que creem no sôpro espiritual que vivificou o barro humano eis o sentido da História Plástica através da mística.

Na ronda dos séculos, esta figura inédita da criação, haveria de repetir o ato criador, plasmando no barro dos períodos históricos, sua forma perfeita sob o sentido evolutivo de cada época.

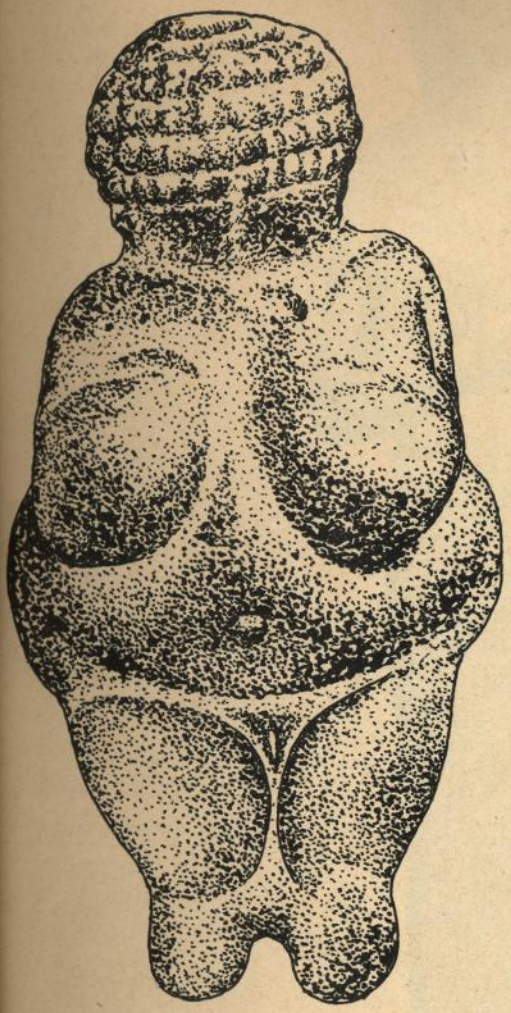
Na vibração de seu rítmo cósmico, a forma humana em harmonia com a Obra Universal, foi o fulcro da manifestação criadora do artista.

Na composição estética do homem, encontram-se com efeito, os elementos virgens dos diversos reinos da criação, tanto mineral como animal e vegetal, e a morfologia biológica apresenta à sensibilidade momentos da mais alta estesia, na rítmica das estruturas ósseas, na dinâmica dos movimentos, no hermetismo da geometria espacial cristalográfica, no universo de formas e côres enfim, que estruturam a organização humana.

FORMAS DA ANATOMIA ANIMAL

A Natureza tôda, oferta ao homem o ritual da beleza plástica que na contemplação de si mesmo, êle encontra no âmago do seu misterioso sêr.

A Anatomia Artística, é a nomenclatura descritiva de todo êste aspecto estético. Abrange assim, a maior amplitude de conceituação, e quando o silex do homem primitivo gravava as imagens rupestres de Altamira, quando o cinzel de Praxíteles, Fídias ou Scopas humanizavam as mitológicas divindades gregas, ou ainda quando o romântico pensamento rodiniano aflorava à superfície de seus mármores, em todos êsses instantes, cremos, a Anatomia Artística estava presente, imprimindo beleza, cultura, arte, à forma bruta e inerte da matéria.



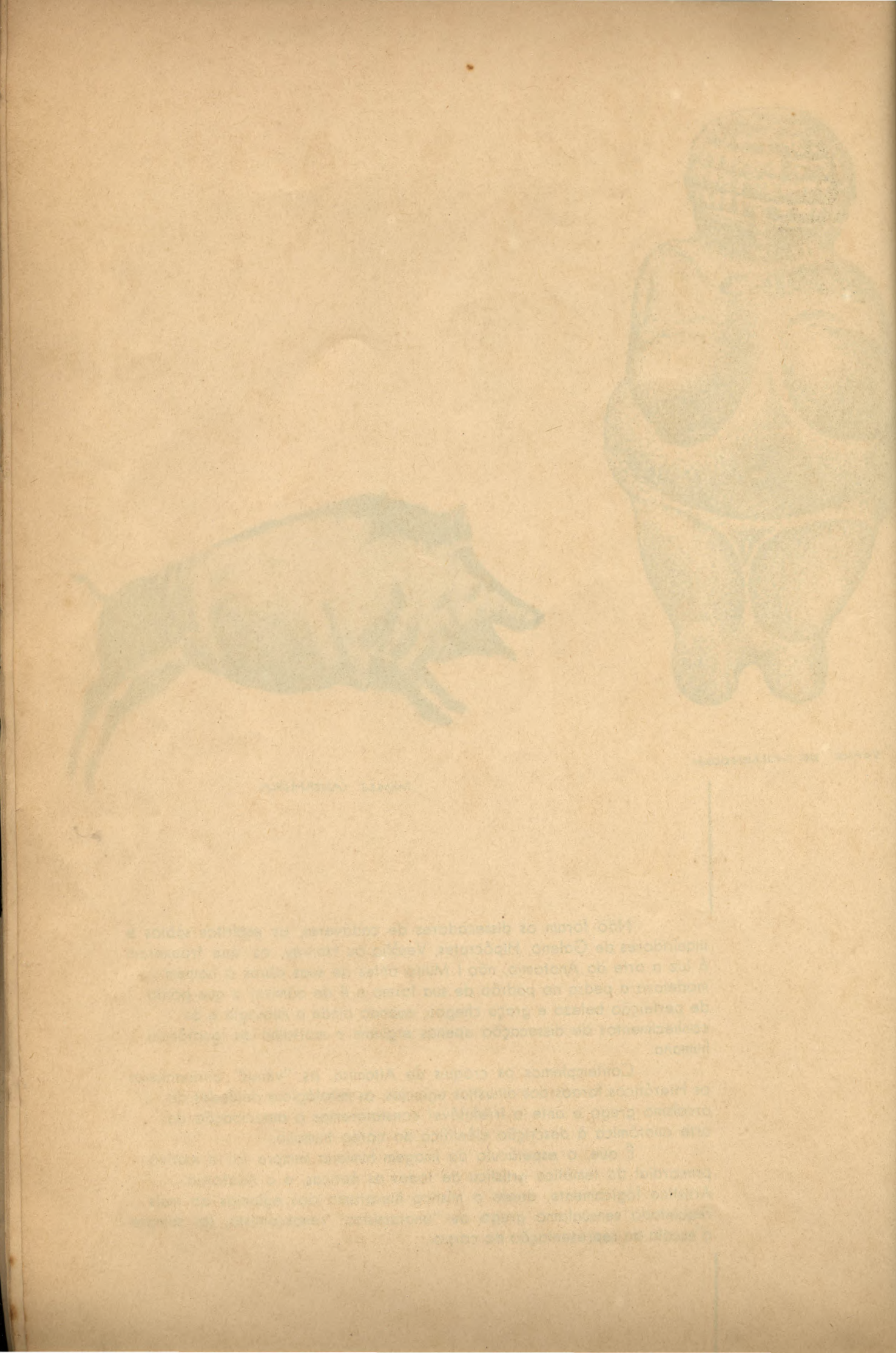
"VENUS" DE WILLENDORF

JAVALI - ALTAMIRA

Não foram os dissecadores de cadáveres, os espíritos sábios e inquiridores de Galeno, Hipócrates, Vesálio ou Harvey, os que trouxeram à luz a arte da Anatomia, não ! Muito antes de suas obras o homem modelava a pedra no padrão de sua forma e é de admirar a que ponto de perfeição beleza e graça chegou, quando ainda a miologia e os conhecimentos de dissecação apenas erguiam a mortalha da ignorância humana.

Contemplemos os croquis de Altamira, as "vênus" aurinacianas os Hieráticos faraós das dinastias egípcias, as mitológicas deidades do arcaísmo grego e ante o irrefutável constataremos a antecipação da arte anatômica à descrição científica do corpo humano.

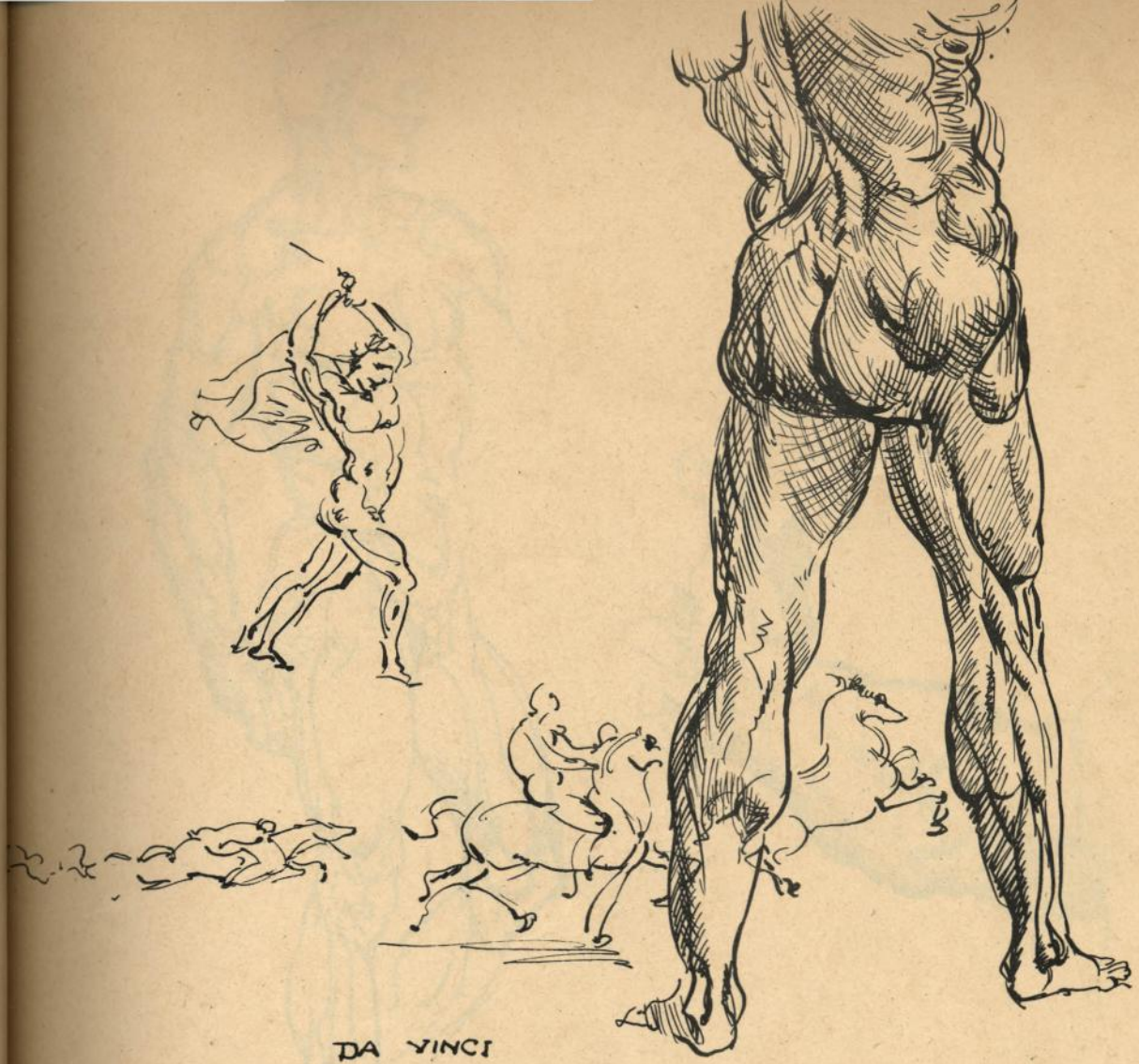
É que, o espetáculo da imagem humana sempre foi o motivo primordial da temática artística de todas as épocas, e a Anatomia Artística lógicamente, desde o místico hieratismo dos egípcios ao mais requintado sensualismo grego ou "anatomismo" renascentista, foi sempre a escola da representação do corpo.



ARTE EGÍPCIA

Quando a Anatomia perscrutou o conhecimento do homem como objeto de ciência, já os grandes plásticos do passado haviam revelado a forma do corpo no seu autêntico esplendor.

Assim, ao noticiarmos o histórico desta matéria, não poderemos tão sómente seguir os dados colhidos nas fontes da medicina onde efetivamente mais os encontramos, na cronologia das pesquisas da anatomia médica. Se assim fosse, teriamos que vir ao Século XVI de nossa era, como ao marco de origem dos verdadeiros conhecimentos anatômicos, já que neste século floresceram os grandes anatomistas dissecadores tais como Vesálio, Gabriel Falópio, Bartolomeu Eustáquio, Silvio Jacob, Harvey, etc.; pois que, da antiguidade apenas temos notícia da vivissecação de animais tal como fizeram Hipócrates, Galeno, exceção feita talvez apenas para Hierófilo e Erasistrato, que em Alexandria em 300 ou 250 A.C. escorcharam cadáveres humanos.



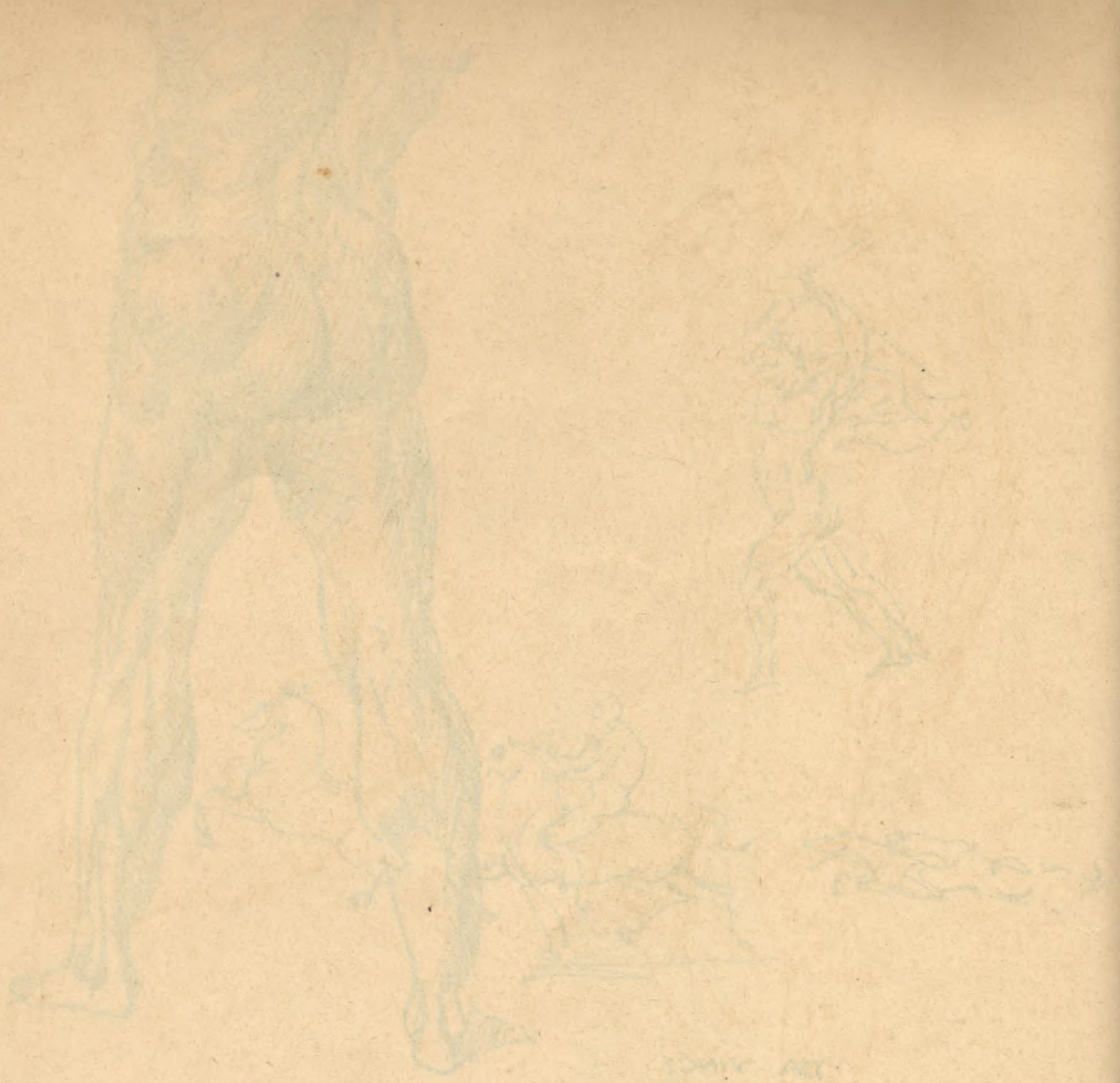
Para a indagação do esteta, a Anatomia Artística remonta ao início da representação humana na Arte, e vem através os séculos aperfeiçoando a imagem naturalística, mesmo em prejuizo da concepção idealista como ao tempo do pré-helenismo.

A Renascença trouxe como espírito do Humanismo a efervescência do pensamento plástico e os grandes artistas dessa época ímpar no domínio da figuração do corpo humano, deitaram seus olhos na carne inerte dos cadáveres humanos.

Mas era sobretudo o espírito científico que animava suas intenções e assim, o artista supria com a busca científica o que lhe faltava em observação natural.

Mesmo assim, os vultos de Miguel Ângelo e de Da Vinci se destacaram dos demais pelas interpretações magníficas de suas pranchas anatômicas. Elas possuem o sentido da criação e deixam patente o gênio de seus autores, que fizerem de cadáveres, temas de beleza plástica.
Do estudo franco e orientado dessa época, surgiu o espírito da Academia, que viria mais tarde constituir-se no estudo da Anatomia como cadeira de Artes plásticas, e assim, suplementar o estudo das Artes plásticas com a descrição pormenorizada e organizada da Anatomia humana e animal.

Dentre os nomes que se destacaram no ensino desta cadeira poderiamos citar, dentre tantos, os de Mathias Duval, Paul Richer, Fripp Thompson, Arnould Moreaux, que deram a público tratados específicos, e hoje muito divulgados em todas as Escolas de Arte.



MIGUELANGELO

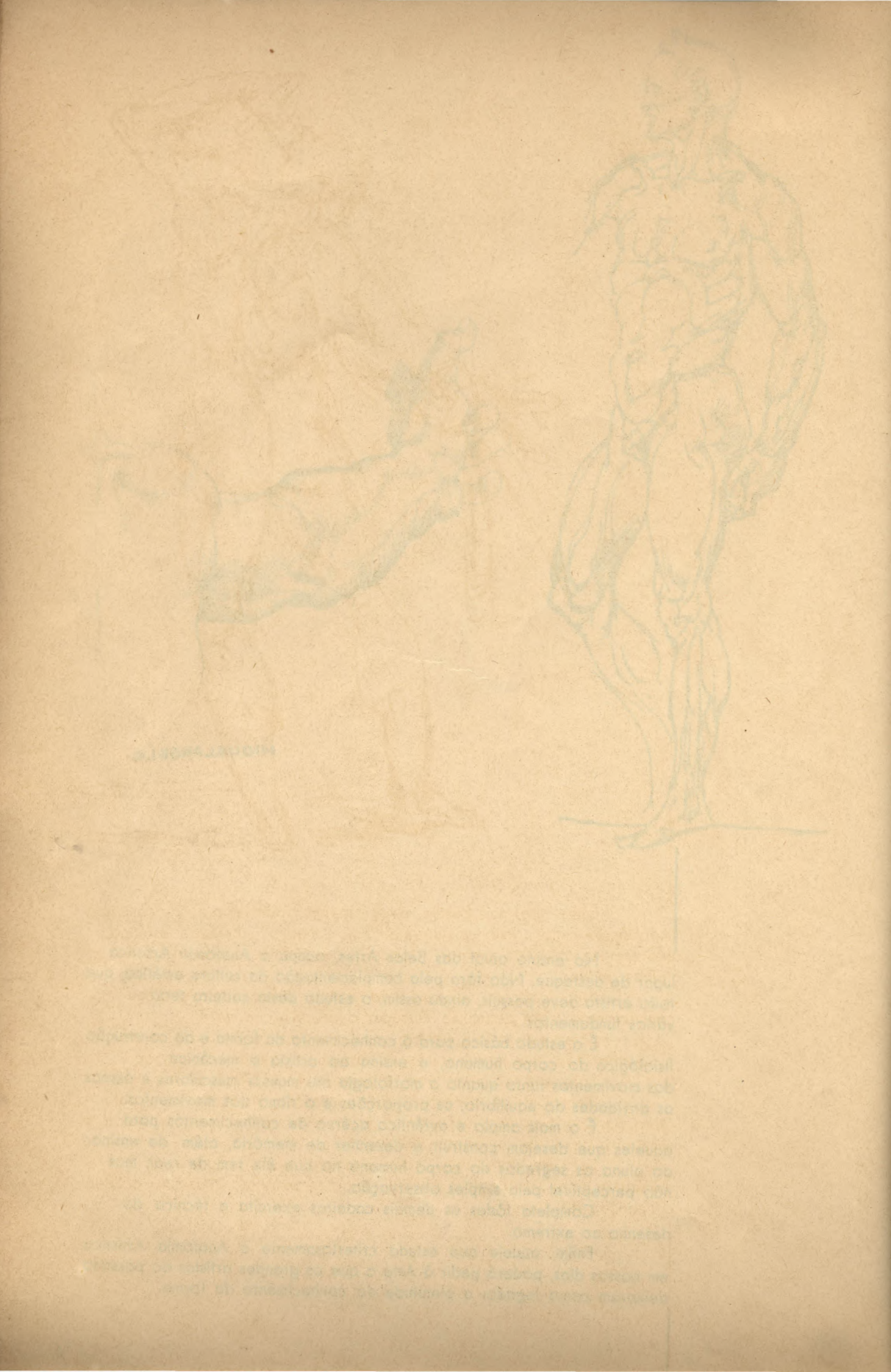
No ensino atual das Belas Artes, ocupa a Anatomia Artística lugar de destaque. Não fôra pela complementação da cultura estética, que todo artista deve possuir, ainda assim, o estudo desta cadeira teria vários fundamentos.

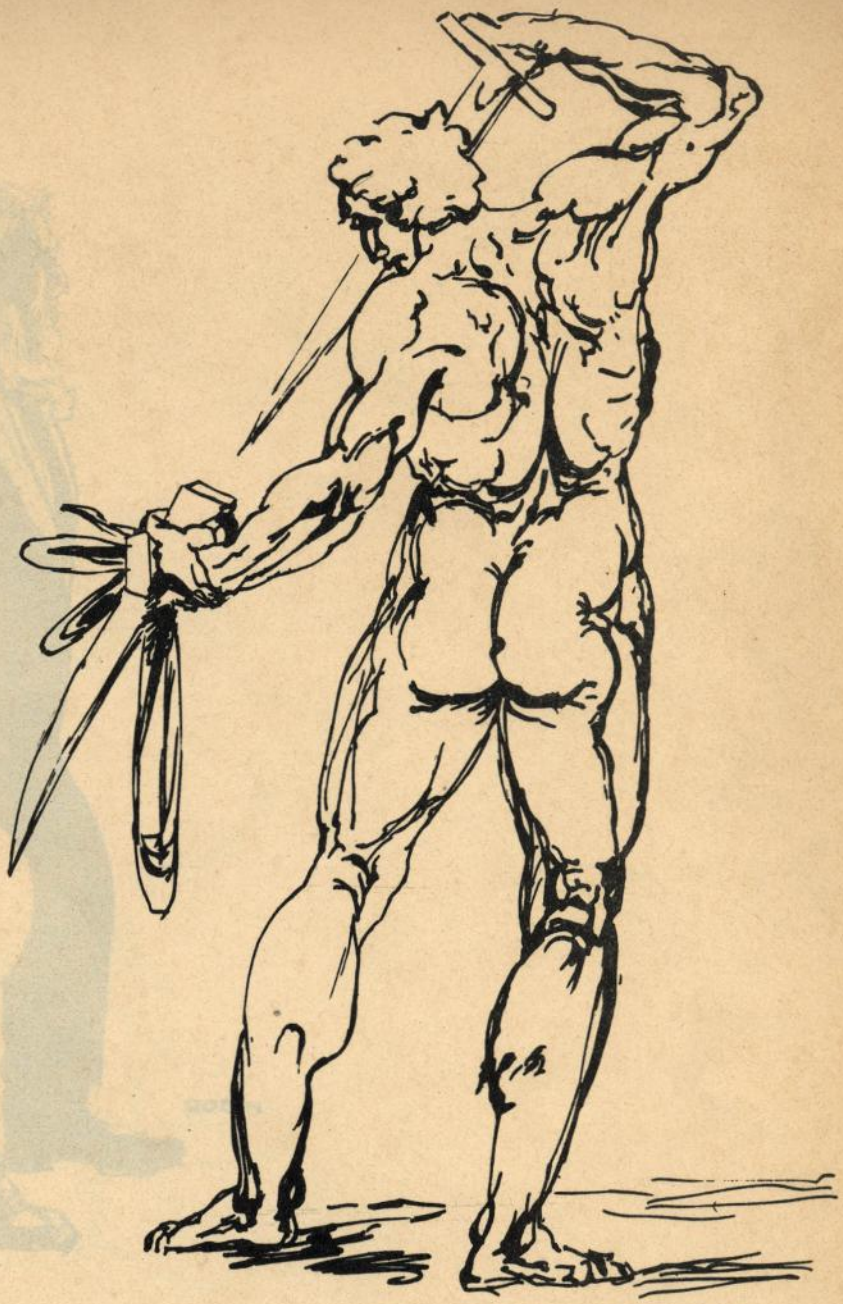
É o estudo básico para o conhecimento da forma e da construção fisiológica do corpo humano, e ensina ao artista a mecânica dos movimentos tanto quanto a morfologia das massas musculares e ósseas as atividades do equilíbrio, as proporções e o rítmo dos movimentos.

É o mais amplo e autêntico acêrvo de conhecimentos para aqueles que desejam construir e desenhar de memória, além de ensinar ao aluno os segredos do corpo humano no que êle tem de real, mas não perceptível pela simples observação.

Completa tôdas as demais cadeiras exercita a técnica do desenho ao extremo.

Enfim, aquele que estuda criteriosamente a Anatomia Artística em nossos dias, poderá pedir à Arte o que os grandes artistas do passado deixaram como legado: a plenitude do conhecimento da forma.





Entretanto, não bastam estes aspéctos, para dar a Anatomia sua importância maior, visto possuir ela "em si mesma" conteúdo estético, que encerra atrativos sem par a todos os que dela se aproximam com "olhos de ver".

Não fosse isto verdade, não teria o homem buscado o seu conhecimento a tal ponto de, dissecar o próprio cadáver !

Quem estuda esta matéria com o desvêlo do sábio, aqui encontra, o fio miraculoso que liga o homem às harmonias cósmicas da criação !

Para o Anatomista, pois, a própria ANATOMIA é uma Arte...

Dentro desta concepção de admiração incondicionada pela Obra do Criador, vamos encontrar o vulto de um dos maiores artistas e escultores de todos os tempos: RODIN.

Será êle, nosso tema, nosso exemplo, nosso estudo; e, ao deparar a obra desta figura colossal, seja-nos permitido citar sua própria concepção do homem.

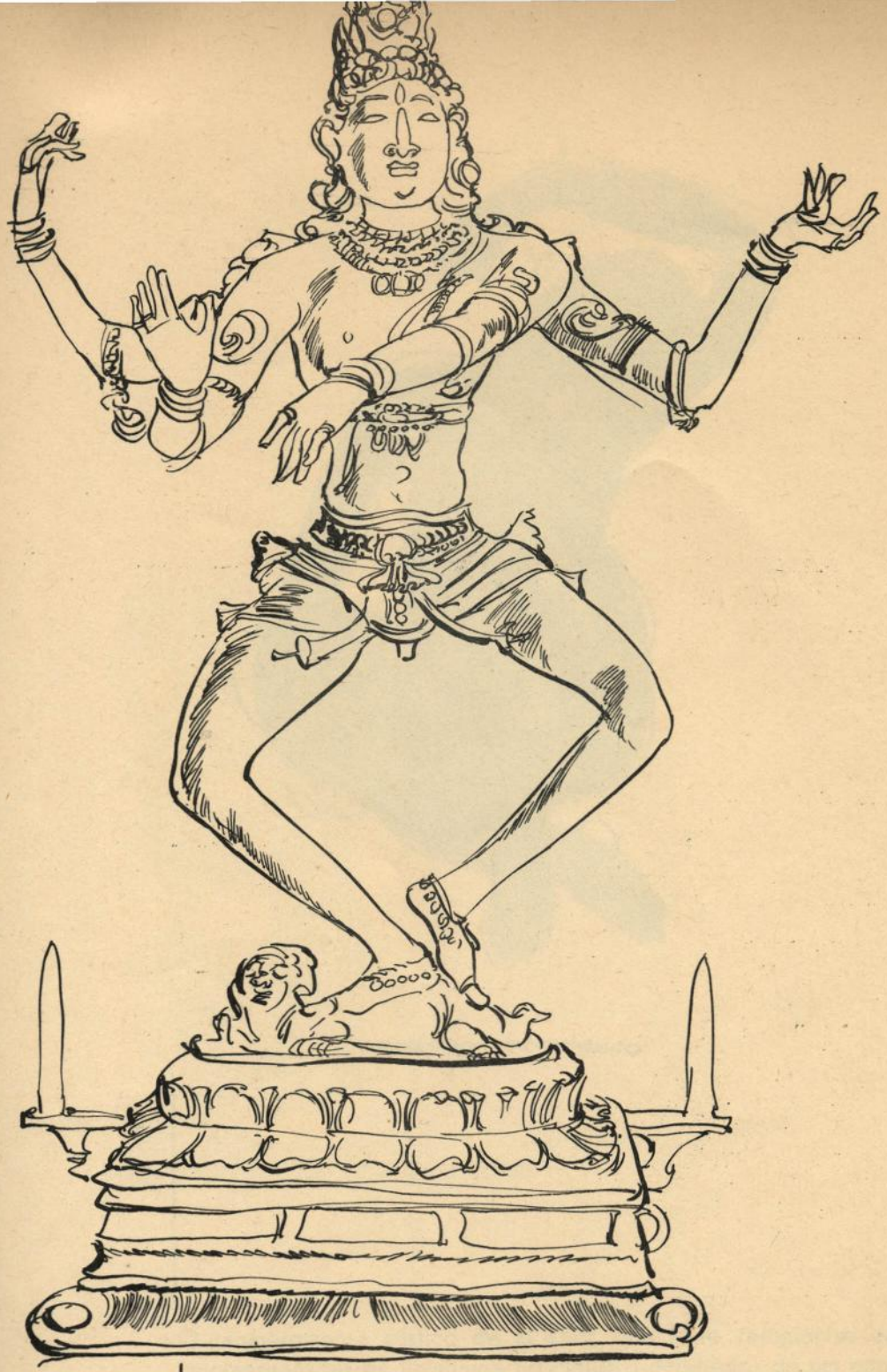
"O CORPO HUMANO É COMO UM TEMPLO EM MARCHA" ! tem como templo um ponto central a volta do qual se colocam e se espalham os volumes.

Quando se compreende isto, tem-se tudo.

UM TEMPLO EM MARCHA...

Para Rodin, o corpo humano, criação divina, era autenticamente "UM TEMPLO". Firmado neste conceito estético da mais alta significação, Rodin, foi encontrar na Bíblia a figura ascética e andarilha de João Batista, para com ela, esculpir o seu admirável "HOMEM QUE MARCHA" símbolo de sua arte que iniciava, com grandes passadas, as realizações espetaculares que fizeram dele, o maior escultor do Século XIX.

É interessante notar que, em RODIN, a figura humana surge estática e aos poucos vai se animando de movimento crescente culminando em rítmos os mais variados, num frenesi de emoções descontroladas, ou na dança incontida do erotismo amoroso.



ARTE INDIANA

II — RODIN E A ANATOMIA

A imagem de RODIN que vê no homem "UM TEMPLO", é digna de maior estudo e observação, pois condiz com o pensamento místico das grandes épocas, que pretende encontrar no sêr humano, uma encarnação do ESPIRITO DIVINO.

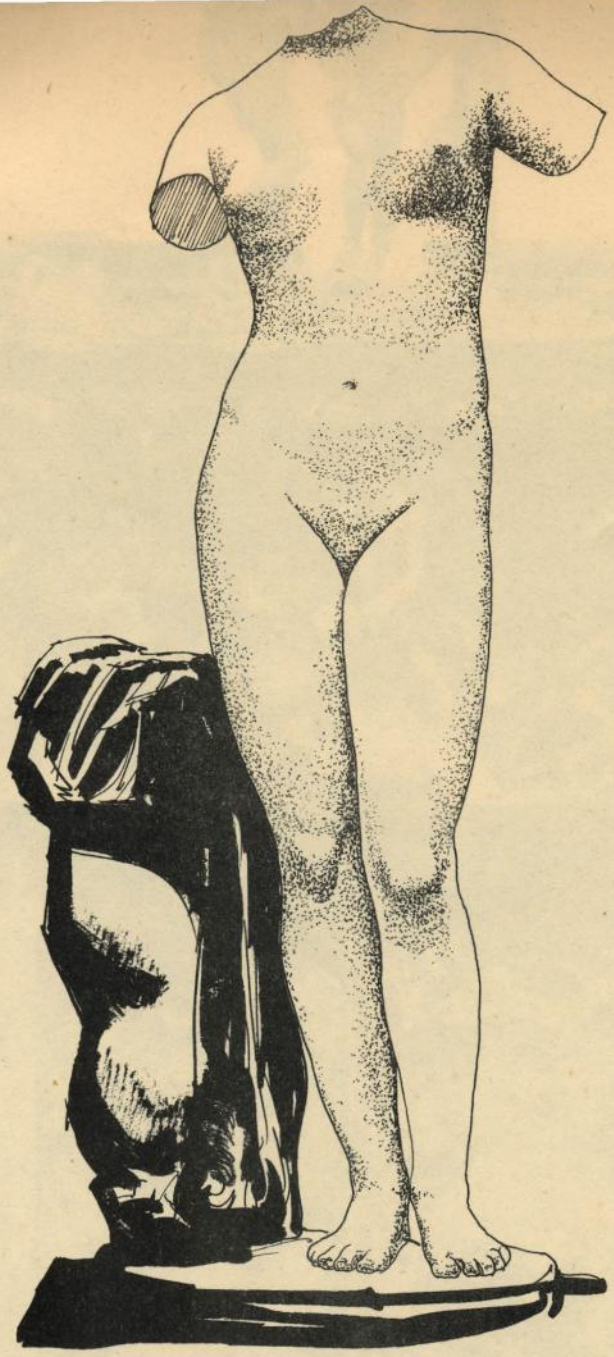
A ESTATUÁRIA egípcia, tanto quanto a grega ou a babilônica incarnam os DEUSES na forma humana ou animal, e em nossos dias, a INDIA, A CHINA, O JAPÃO representam divindades, sob as formas mortais do HOMO SAPIENS...

Já a palavra de CRISTO expressava claramente este conceito "NÃO SABEIS QUE SOIS "TEMPLOS DE DEUS", E QUE ÊLE HABITA EM VÓS?"

DESENHO RODINÊSCO

O temperamento místico de RODIN, que fê-lo refugiar-se das incompreensões da juventude no claustro acolhedor de um convento, talvez tenha sido o processo sábio da PROVIDÊNCIA para fázê-lo encontrar o rumo verdadeiro na vida. Assim, sob o olhar perspcrutador e compassivo do Padre Eymard, RODIN deixava patente a vocação de exaltado criador. Padre Eymard, compreendendo que tal alma não havia sido feita para a vida contemplativa, mas para a exteriorização de fecundo gênio imaginativo, pois seu próprio busto modelado pelo jovem noviço o atestava, apontou a RODIN o rumo certo; aquele pelo qual, passaram antes dele, os vultos de PRAXITELES, FIDIAS, DONATELLO, MIGUEL ANGÊLO e tantos mais...

Entretanto a alma do místico em RODIN, perduraria sempre: o caminho percorrido pelo estatuário vem dos passos bíblicos, desde a gênesis às paixões e tragédias do homem recalcado de hoje. RODIN, penetra no mundo da genialidade pelo humbral da PORTA DO INFERNO medida em têrmos de grandiloquência, sob a égide de DANTE ALIGHIERI pelos extraviados caminhos de BAUDELAIRE.



ARTE GREGA

Aqui a figura é exaltada em tôda a sua poderosa expressão plástica, desde a alegórica tríade que encima o PORTAL, até os lúbricos desvarios das almas caídas afogadas nos prazeres da carne.

O corpo humano nesta monumental orquestração de rítmos, imagens e anatomias, é o barro animado pelo sôpro vivificante do gênio.

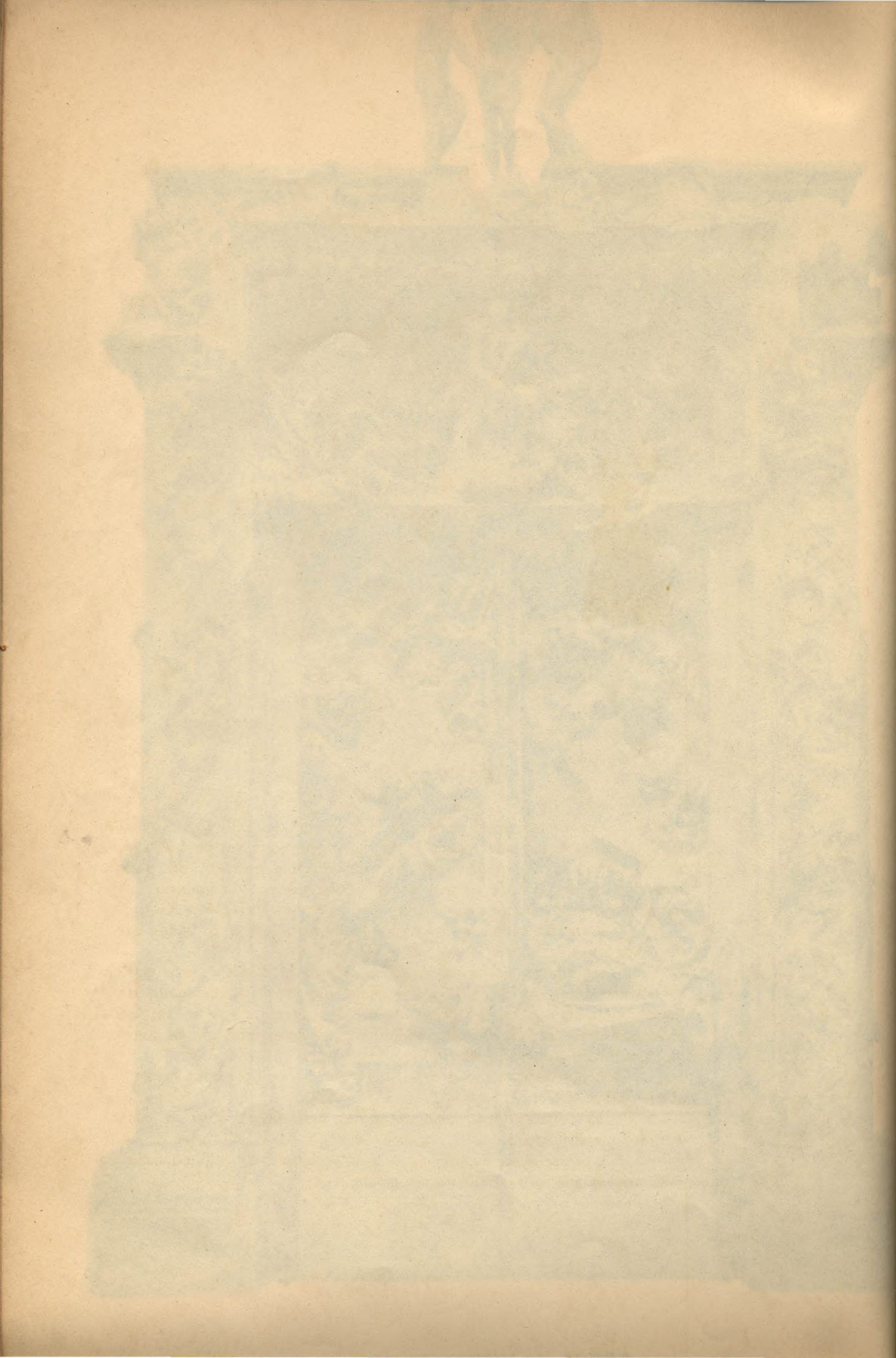
A obra é marcada por uma dominante obsedante, que liga o plano Divino, à condição humana terrena.

Na misteriosa tríade das "Sombras" dantescas (ADÃO, CAIM ABEL?) há um rítmo de dança primitiva: os corpos lembram a torturada visão Miguelangesca, na sua incontida ânsia de exprimir a dor. Esse grupo que gerou a humanidade Rodinêsca, sintetisa em si, a estética da figura humana desde os gregos ao renascentismo.

RODIN iguala-se a MIGUEL ÂNGELO e a FIDIAS dos quais êle admira a obra:

"Admira a divina serenidade de um, a cruciante angústia do outro".

A PORTA DO INFERNO (PHAIDON ED.)



Apaixonadamente inspirado no poeta da DIVINA COMÉDIA, RODIN molda a maqueta desta Porta em proporções vastas 6,50 cms. x 4,00 cms. e enquadra aí o seu universo plástico: animado do espírito filosófico de DANTE, da trágica visão baudelairiana e da fantasia romântica de sua época, onde fulgurava o gênio de VICTOR HUGO.

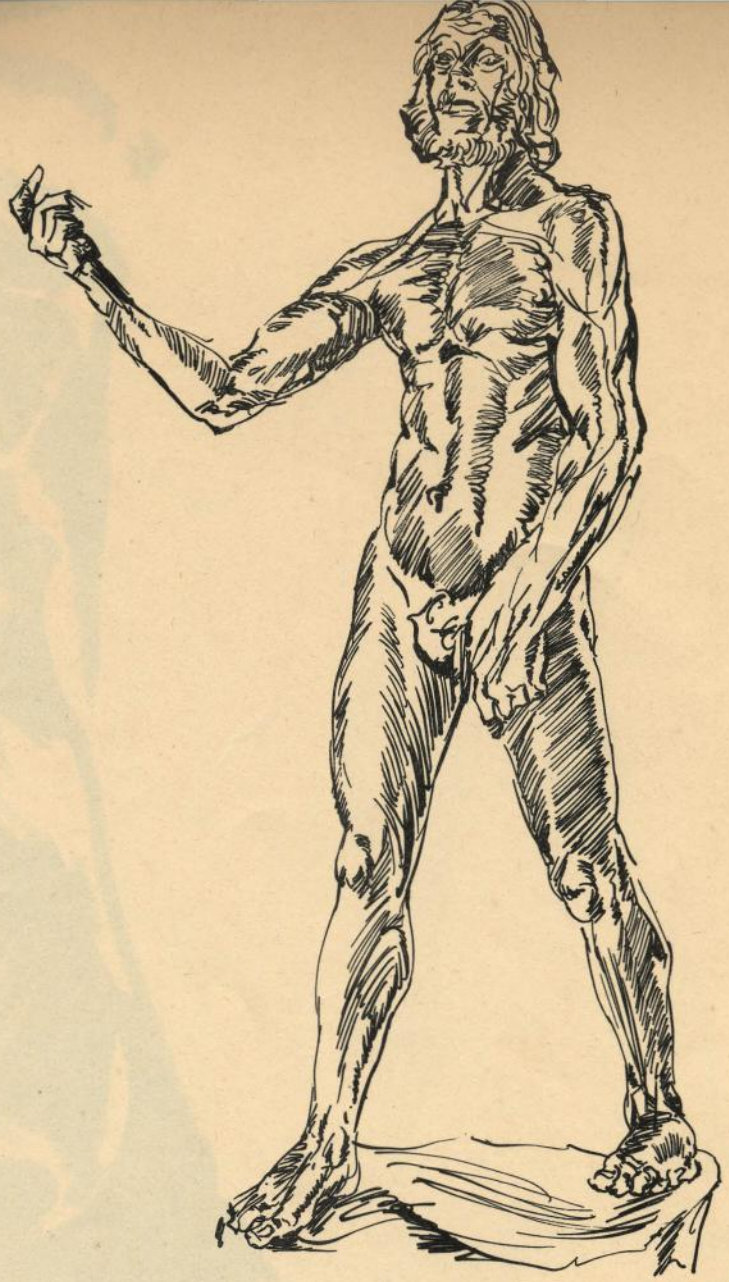
Deste universo de forças estudantes sairiam as grandes obras do maior escultor francês.

Penetrando por esta porta deparamos o HOMEM; mas aqui já atravessamos o humbral do Divino e quem está presente carregado de forças telúricas, é o homem primitivo. RODIN reencarnou neste ser bruto as fôrças poderosas da animalidade nascente: seus músculos são de lutador, sua tensão nervosa trái a imaturidade da mente.

Jamais pensamento e arte estiveram tão amalgamados numa estátua como no "LE PENSEUR".

Um cortejo de humanidades passa pelo tempo como o cântico das eras da civilização.

A composição dessas figuras é a posição das horas no ciclo da vida, a juventude, a decrepitude e a morte.



Profeta da forma, RODIN conta-nos a história do homem no contraste da vida e da morte, na tragédia e no amor. Desce passo a passo a escada que conduz ao sub-solo do pensamento, espreita o sub-consciente. Sob as trevas destas portas infiltramo-nos pelo mundo onírico das desenfreadas torrentes passionais. Em tôda sua obra de perfeito e inesgotável criador, sua arte glorifica e testemunha a ANATOMIA ARTÍSTICA, a qual serviu de meio e fim, para a expressão das menores figuras.

Seis mêses de estudo acurado, custaram-lhe as pernas sómente, de "l'home qui marche".

Perscrutava o modelado dos antigos escultores, e o método do seu trabalho, descobrindo nos gregos o que chamou os "perfis sucessivos", que êle mais tarde aplicaria às suas obras.

Da Venus de Milo refere-se:

"eis a maravilha das maravilhas ! Um rítmo admiravel, muito semelhante ao das estátuas que acabamos de ver; mas tendo a mais, qualquer coisa de pensativo.

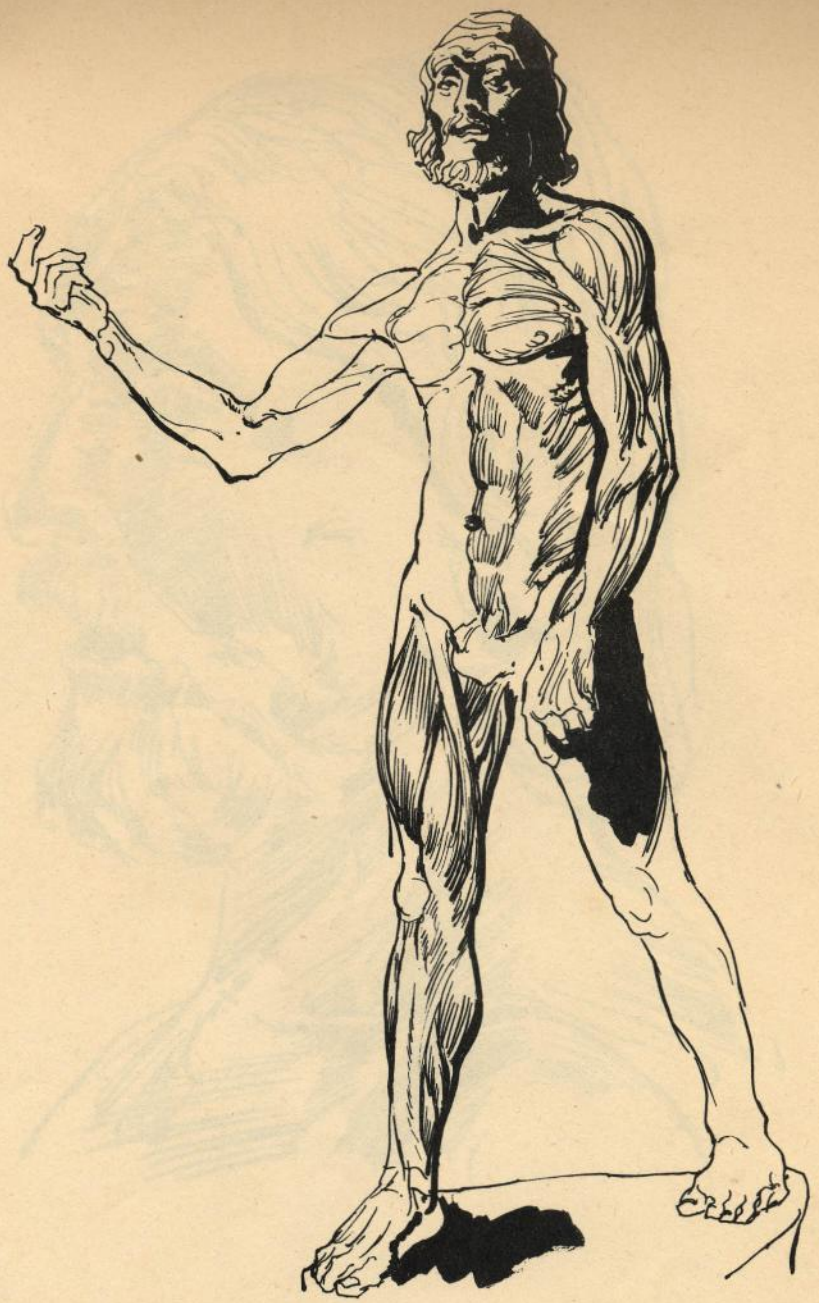
Aqui já não encontramos a forma de C, pelo contrário, o torso desta deusa, curva-se um tanto para a frente como na estatuária cristã. No entanto nada de inquieto nem de atormentado: a obra é da mais bela inspiração antiga: é a voluptuosidade regulada pela medida, a alegria de viver cadenciada, moderada pela razão".

SAINT JEAN-BAPTISTE
(PHAIDON)

III — "DE HUMANI CORPORIS FABRICA"

Analisemos agora, a obra do mestre, sob o ponto de vista puramente anatômico, em uma síntese rápida e esquemática através de três figuras marcantes, quase símbolos de sua rota escultórica.

Ouçamos a eloquência mística de "Saint Jean Baptiste Prêchant;" Perscrutemos os pensamentos arcaicos de "Le Penseur".
Sejamos compassivos para com as desiludidas palavras daquela que foi "La Belle Heaulmiére".



- SEMI-ESFOLADO -

SAINT JEAN BAPTISTE PRÊCHANT

É a eclosão de uma idéia mística, longamente meditada, desde os tempos primeiros das realizações rodinêscas.
Pelo conteúdo ascético está ligada ao medievalismo, que deixou em RODIN, admiração marcada. Haja visto, seus estudos e escritos sôbre as catedrais de França.

Lembra DONATELLO pelos contrastes de claro escuro, nas arestas e ângulos marcantes.

"A escultura é a Arte dos buracos e planos".
É a própria eloquência.

Seu corpo é movel como a palavra que sai de seus lábios; máscara de "asténico longilíneo", hipertiroideo, nervoso em tensão muscular.

Não carrega adiposidades; epiderme fina, onde as veias entumecidas desenham mapas de tensão dinâmica.

Piramidal em contração, denunciando a fibra de lutador, ação do superciliar, músculo da dor humana...

Se eu fora médico, diria ver aqui, algo do "fascies histérica".

No esfôrço de se fazer compreendido aos homens, distende o pescoço e entumece-o, traindo a contração do cuticular.

Seu braço direito se ergue, dividindo os feixes do deltoide e do peitoral. (Poder-se-ia estudar tôda a anatomia superficial neste braço e ante-braço tendinosos) e aponta o céu com o indicador que irá se distender.

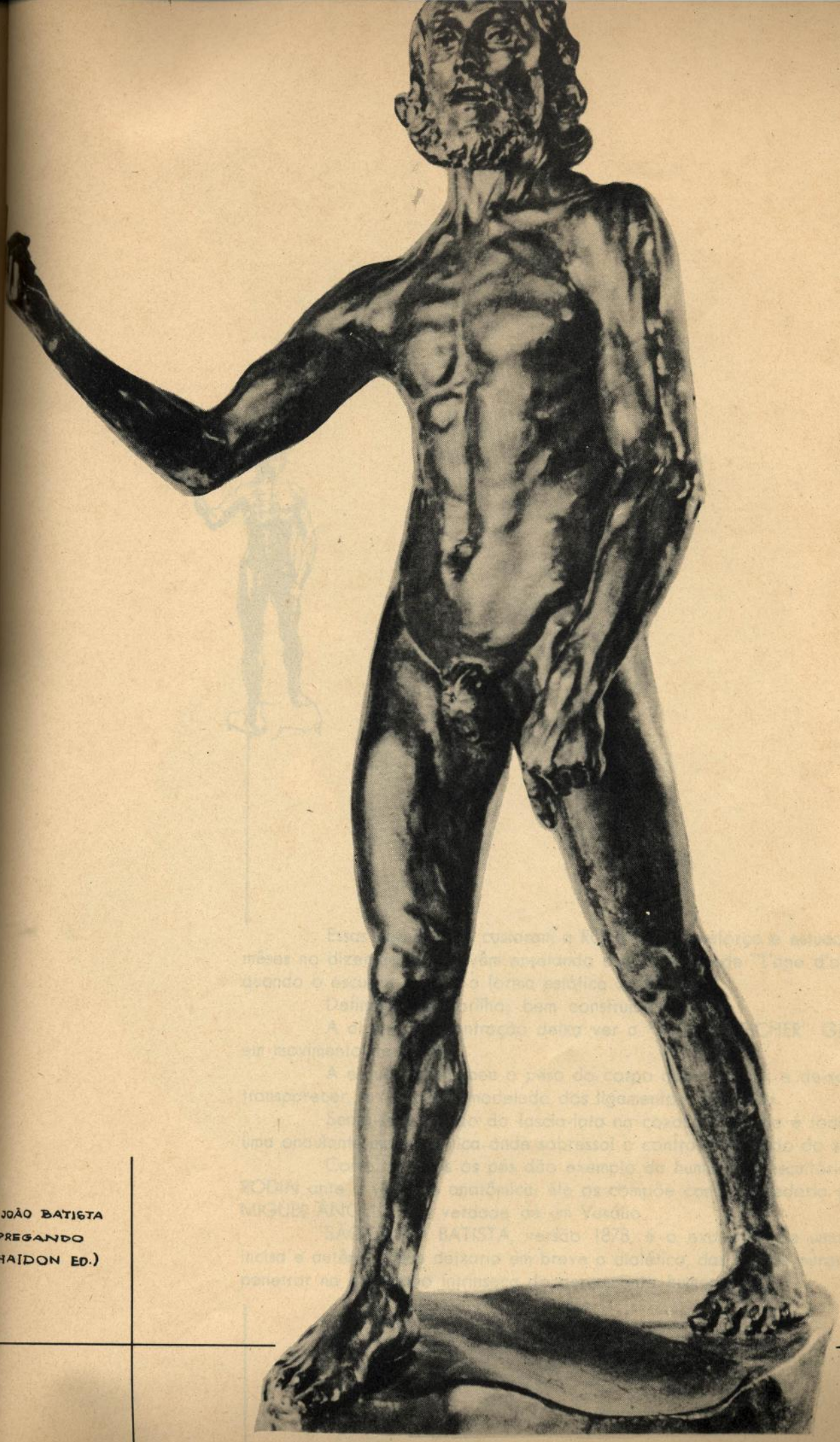
Seu braço esquerdo, inflado de tendões e veias, mostra a terra bruta onde seus pés se agarram pesadamente.

As mãos, são quase um dom de RODIN: não erra nunca nas articulações: deixa ver o carpo, todo o conjunto dos metacarpos e seus acidentes; mãos definidas que sabem o que quer a mente e para onde caminha o corpo.

São espirituais.

Êle está no caminho.

Passa pela vida em passos firmes, articulando as falanges como garras para não perder o contato com a Terra...



SÃO JOÃO BATISTA
PREGANDO
(PHAIDON ED.)

Essas pernas, que custaram a RODIN tanto esforço e estudo (seis mêses no dizer do autor) vêm ensaiando esta rota, desde "L'age d'airain", quando o escultor ergueu a forma estática do homem.

Definem o andarilho; bem construidas tersas.

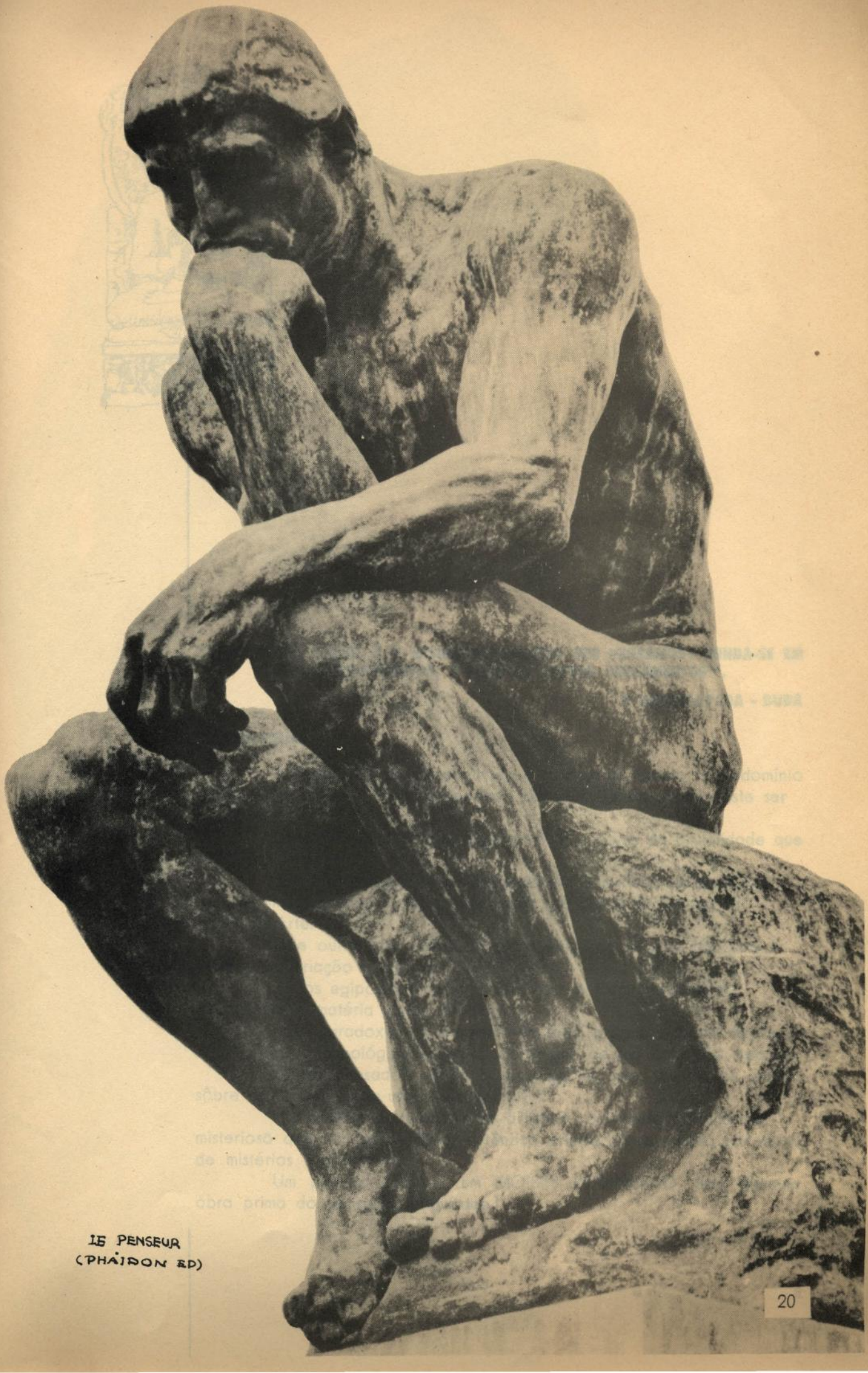
A direita em contração deixa ver a "Faixa de RICHER" Gêmeos em movimento de tensão.

A esquerda recebeu o pêso do corpo que se volta, e deixa transparecer, o complexo modelado dos ligamentos rotulianos.

Sente-se a tensão do fascia-lata na coxa, e a perna é toda ela, uma ondulante massa rítmica onde sobressai o contraste forçado do solear.

Como as mãos os pés dão exemplo da humildade escultórica de RODIN ante a verdade anatômica: êle os compõe com a sabedoria de um MIGUEL ÂNGELO e a verdade de um Vesálio...

SÃO JOÃO BATISTA, versão 1878, é o expoente de uma arte incisa e autêntica que deixaria em breve a dialética, das formas puras para penetrar na expressão intrínseca do pensamento humano.



LE PENSEUR
(PHAIDON ED)

LE PENSEUR
(PHALIRON ED)

"TUDO O QUE SOMOS, É O RESULTADO DAQUILO QUE PENSAMOS: FUNDA-SE EM NOSSOS PENSAMENTOS, É FEITO DE NOSSOS PENSAMENTOS".

O DHAMMAPADA - BUDA

LE PENSEUR

A fôrça bruta em sua plenitude, a pujança do instinto, o predomínio do material, tal é o impacto imediato de quem se aproxima deste ser primitivo.

Entretanto, sua atitude meditativa, é antítese da brutalidade que seu físico exprime.

Sim, êle realmente é um ser pensante dom deste pensamento fruto da imponderável matéria, que anima sua carne de bronze na magia da Arte...

Que outra obra saida de mãos humanas, ergueu tão alto o mistério da criação plástica?

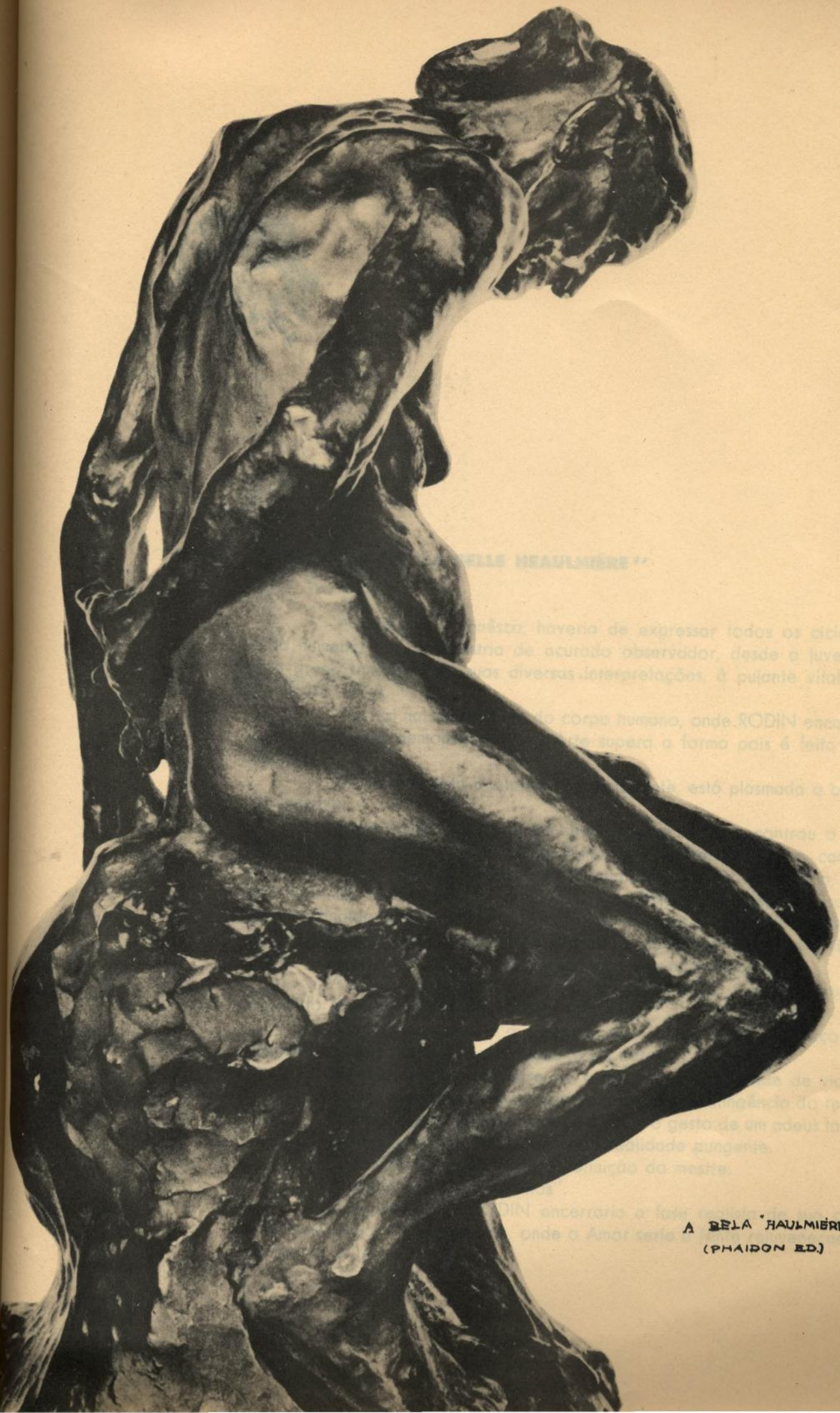
Só os egípcios, amalgamaram assim a fôrça invisível do pensamento à matéria inerte do granito.

É um paradoxo, um ser assim tão rude, prognata, brutal figura do panteão antropológico ensimesmado no imo de sua condição psíquica.

Este ser pensador, evoca o raiar de um novo mundo ou medita sôbre os escombros de um mundo velho?

É o enigma do pensamento artístico: o sentido profundo e misterioso que conduz o artista, autêntico criador, à revelação por vêzes de mistérios imprevisíveis.

Um profeta primevo, um MOISÉS RODINESCO, uma genuina obra prima do pensamento humano!...



A BELA "HAULMIÈRE"
(PHAIDON ED.)

"CELLE QUI FUT LA BELLE HEAULMIÉRE"

A anatomia rodinêsca, haveria de expressar todos os ciclos da vida humana, com a maestria de acurado observador, desde a juventude e a graça femininas em suas diversas interpretações, à pujante vitalidade de seus varões.

Mas foi na decrepitude do corpo humano, onde RODIN encontrou a temática para demonstrar que a Arte supera a forma pois é feita de espírito.

Na ironia desta anatomia impressionante, está plasmada a beleza do horrivel.

Assim como Velasquez em seus anões e bufos encontrou o tema de admiraveis retratos assim como Rembrandt ao representar o cadáver dissecado, como Gerônimo Bosch ao prestigiar a arte do demoníaco, assim o criador do cânone humano do Século XIX, dissecou a beleza em padrão jamais atingido antes, mostrando ao mundo a tragédia da rota humana.
A "BELLE HEAULMIÉRE" é o estudo dramático do corpo gasto pela vida onde o tempo assinalou a precaridade das vaidades físicas.

A coluna vertebral dobra-se ao pêso dos anos, o ventre enrugado e flácido é o repositório de vísceras informes.

Não há gorduras e a magreza põe à mostra o arcabouço esquelético sustentando o tecido frouxo da carne.

Os seios vasios, colam-se ao torax: antes eram fonte de vida.

A linha muscular é deformada pela própria contingência do tempo.

As mãos rígidas e espalmadas esboçam o gesto de um adeus tardio.

O tempo tornou êste corpo uma realidade pungente.

O modelado segue ainda a definição do mestre:
"arestas e grandes planos".

Com esta figura RODIN encerraria a fase realista de sua obra, para logo iniciar o ciclo onírico, onde o Amor seria a fonte rejuvenecedora de formas e temas.

Aqui ao encerrar-mos êste sumário, da obra de um artista que por si só, foi motivo e assunto para vários autores expressarem sua admiração, queremos tornar claro que defendemos uma tese geral de arte, tomando o Mestre das Catedrais apenas como um exemplo isolado, pois a Anatomia Artística, tal como a encaramos neste trabalho, demanda o acêrvo de tôdas as épocas artísticas enquanto o homem for o esplendor o fulcro e o módulo da creação estética.